

DISPUTA POR IMAGINÁRIOS NO SÉCULO XXI: A ASCENSÃO DA PRODUÇÃO CULTURAL NEGRA NAS MÍDIAS DIGITAIS

DISPUTE ON 21ST CENTURY'S IMAGINARY: THE ASCENSION OF BLACK CULTURAL PRODUCTION IN THE DIGITAL MEDIA

Samira Pinto Almeida¹

Investigadora Independente

RESUMO: Este artigo pretende circunscrever o movimento crescente, assistido especialmente nos últimos anos, de luta por espaço e visibilidade da produção negra, sobretudo nos campos artístico e filosófico. Para tanto, buscou-se analisar a contribuição e repercussão, no país, de obras de escritores negros nas mídias tradicionais, de modo a comparar os resultados obtidos às conquistas alcançadas pelos intelectuais em atuação hoje nas mídias digitais. O avanço tecnológico e o aumento da circulação de informação vêm promovendo, de forma inédita, a formação de um público interessado em refletir sobre a questão racial graças à divulgação dos trabalhos de pensadores e artistas engajados nas novas mídias (estas últimas mais abertas a difusão de olhares plurais). Nesse contexto, a tríade autor negro, obra fundada na questão identitária e leitor-produtor ganha projeção e se fortalece. O fenômeno citado será contemplado a partir dos argumentos teóricos desenvolvidos por Martino (2014), Garcêz (2013) e Gomes (2005), atrelados à análise das atividades de autores negros em destaque atualmente no Brasil e no meio digital, a saber: Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro e Lázaro Ramos.

¹ Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais. samira.lettras@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Produção Cultural Negra, Militância Negra nas Mídias, Mídias Digitais, Mídias de Massa.

ABSTRACT: The current article aims to circumscribe the ascending movement – specially seen in the last few years – of the pledge for space and visibility of black intellectual production, mainly in the artistic and philosophical fields. With that in mind, there has been made an analysis of the contribution and repercussion of black writer's pieces in the traditional media within the country, in order to compare the obtained results to its acquisition by the intellectuals, which nowadays occupies that lieu in the digital media. The technological advance and the rise of the flux of information have been promoted in an unprecedented way through the training and active presence of an interested audience, which at its turn, shed light to the racial issue via propagation of works from thinkers and artists engaged with these new media (these later opened to a much larger public and therefore from multiple points of views). In this sense, the triad of a black writer, with a work grounded in the identitary's dilemma altogether with the reader-producer movement, gains terrain and through this projection it grows. The respective phenomenon will be contemplated up from theoretical arguments developed by Martino (2014), Garcêz (2013) und Gomes (2005). Linked to the analysis of the black author's activities today, which takes place in Brazil and in the digital means, we lay our attention to the voices of Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro and Lázaro Ramos.

KEYWORDS: Black Cultural Production. Black Militancy in the Media. Digital Media. Mass Media.

Introdução

Em 2007, o historiador Petrônio Domingues publicou um artigo na revista Tempo, no qual traça um panorama do Movimento Negro Brasileiro desde 1889 até meados dos anos 2000. O trabalho conseguiu captar, na essência, os principais momentos das organizações militantes durante o período republicano ao ponto de ter sido referenciado em mais de 500 textos segundo dados do *google* acadêmico. Nas considerações finais desse importante levantamento histórico, Domingues se aventura a prever quais seriam

os próximos passos dos militantes negros em sua reivindicação por igualdade racial, sinalizando rumos possíveis. Neste artigo, pretendo analisar uma dessas possibilidades de ação que grupos e pessoas públicas tem trilhado, a saber o aquilombamento virtual proporcionado pelas redes sociais, tais como o Facebook, Instagram e Youtube. Nesses espaços, é notável um esforço coletivo dos usuários para a construção plural das identidades negras, bem como a discussão de temas relevantes para a população afrodescendente, de modo a favorecer o surgimento de uma comunidade virtual articulada em torno do pensamento sobre o que é ser negro no Brasil. A partir do momento em que essa comunidade se estrutura, diversas trocas simbólicas podem se manifestar e parte delas tendem a favorecer o consumo de bens culturais afrocentrados de forma inédita na história nacional. Para melhor avaliar as potencialidades dessa nova via de encontros possibilitada pela internet, convém recuperar, para posteriormente comparar, as técnicas de comunicação e de luta da militância negra em outros meios.

1. A resistência negra nas mídias tradicionais

Não é meu interesse aqui retomar em linhas gerais as diferentes formas de resistência do movimento negro no Brasil. Nem mesmo ousaria esboçar uma linha do tempo calcada nas produções mais significativas realizadas por intelectuais negros nos mais variados meios de comunicação ao longo dos anos, posto que isto demandaria além de uma vasta revisão bibliográfica em acervos documentais, certo desenvolvimento teórico que não caberia nas poucas laudas esperadas para um artigo. Gostaria apenas de destacar algumas propostas que, a meu ver, traduzem em suas singularidades a diversidade de campos de luta de intelectuais e artistas negros desde a introdução da impressão entre nós.

Por muito tempo, o acesso ao livro foi bastante restrito no Brasil. Em primeiro lugar porque até meados do século XIX não era permitida a impressão de manuscritos no país. Essa realidade somente se modificou após a chegada da família Real, responsável por implantar a Impressão Régia (1808) e por fim à censura prévia das obras (1821). Antes disso, todo material escrito com o objetivo de se fazer circular entre a população deveria necessariamente passar pelos censores do rei e, somente após aprovação, ele poderia ser enviado a alguma tipografia portuguesa. O livro era, então, um artefato caro, de luxo, posto que era importado, e por isso conferia certo prestígio social a quem o

adquiria - a saber, a pequena parcela da sociedade que possuía poder político e econômico, tais como os proprietários de terra e os religiosos jesuítas, estes últimos detentores de invejáveis acervos privados localizados nos conventos (Silva, 2009). O uso coletivizado de obras também era problemático. A primeira biblioteca pública só veio a existir no Brasil em 1811, em Salvador, pelas mãos de iniciativa particular. Em termos de pontos de venda, era também reduzido o número de livrarias. Na Capital do Império, Rio de Janeiro, existiam apenas duas nos anos de 1808. O número subiria para 32 até 1918 considerando todos os estabelecimentos do tipo em território nacional (Silva, 2009, p. 83). Em todo caso, na realidade, os principais responsáveis pela venda de livros no país até o século XIX eram os comerciantes portugueses donos de casas comerciais de secos e molhados (Ferreira, 2000).

Apesar das dificuldades descritas, já no século XVIII encontramos o primeiro representante da literatura afro-brasileira segundo o pesquisador Edmilson de Almeida Pereira ([s.d.]). Trata-se do poeta e músico mestiço ligado à tradição árcade Domingos Caldas Barbosa (1738-1800) que produziu obras inspiradas no falar popular brasileiro, além de publicar lundus e modinhas – entre seus livros estão *Epitalâmio* (1777) e *Viola de Lerenó* (1798). Depois dele vieram outros tantos autores atuantes na escrita ficcional em verso e em prosa, muitos inclusive interessados em discutir criticamente a situação do negro no país dentro da produção artística, além de denunciar o racismo sofrido nos jornais onde trabalhavam à época, a exemplo de Luiz Gama (1830-1882), Cruz e Sousa (1861-1898), Lima Barreto (1881-1922). Palavras desses homens das Letras ressoam até hoje em nossa literatura, como é o caso da célebre fala de Luiz Gama, a qual cito a seguir, responsável por inspirar (segundo Figueiredo, 2011), o título de *Um defeito de cor* (2006), obra prestigiada de Ana Maria Gonçalves:

Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime. Mas nossos críticos se esquecem que esta cor é a origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam; que essa cor convencional da escravidão, tão semelhante à da terra, abriga sob sua superfície escura, vulcões onde arde o fogo sagrado da liberdade. (Gama, 2008 apud Figueiredo, 2011, p. 277)

O alinhamento do discurso de resistência à ação militante fez de Luiz Gama um importante intelectual negro defensor da causa abolicionista do século XIX. Convém, no

entanto, questionar sobre quem era o público desses autores de trabalhos tão relevantes. Se a circulação de livros era limitada, algo semelhante se pode dizer sobre o número de leitores no país. Segundo Sadi dal Rosso (2010, p. 2), apenas 14% da população brasileira era alfabetizada em 1872. Já a comparação dos dados fornecidos pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio de 1890 a 1920 revela que essa taxa não se modificou muito no correr dos anos: apenas 29% dos homens e 20% das mulheres sabiam ler e escrever nas primeiras décadas do século XX (Heller, 2001). É sabido que as pesquisas desse período apresentam fragilidades em termos de coleta de informações e de critérios de avaliação – o que o censo considerava exatamente como “alfabetizado” é uma questão a se pensar. Em todo caso, elas não deixam de denunciar uma realidade de exclusão da maioria da população impedida de acessar o sistema educacional. É ainda mais desolador atestar o número de negros alfabetizados nos anos finais da escravidão no país. Ainda segundo Sadi dal Rosso (2010, p. 3), o Recenseamento de 1870 registrou apenas 1.403 negros e negras (958 homens e 445 mulheres) alfabetizados dentro de uma população de mais de 1 milhão e meio. Infelizmente, as belas palavras de Luiz Gama sobre a riqueza e a força de resistência dos filhos de África não chegaram aos olhos de quem mais necessitava delas – a parcela de cor que certamente carecia de inspiração para manter acessa a consciência e o inconformismo diante de uma realidade tão cruel, injusta, desigual.

Ainda que o público negro fosse incipiente, era e é preciso lutar com as palavras de modo a fazer frente aos discursos racistas hegemônicos na sociedade. Nome importante dos estudos sociais sobre a população afrodescendente no país, Manuel Querino (1851-1923) reuniu qualidades raras para um homem de seu tempo. Segundo o dicionário de Belas Artes da UFBA, ele atuou como “Pintor-decorador, desenhista, artista, professor de desenho, jornalista, funcionário público da Secretaria de Agricultura e Obras Públicas, pesquisador, historiador, folclorista, etnógrafo, escritor” (Gledhill & Leal, [s.d.], Página da Internet). Entre as obras do intelectual citado estão análises sobre a contribuição do negro para a construção do Brasil - *As artes na Bahia* (1909); *O colono preto como fator da civilização brasileira* (1918); *Costumes africanos no Brasil* (1938); *A Bahia de Outrora: Vultos e Fatos Populares* (1946) - bem como o levantamento de artistas atuantes na Bahia - *Artistas baianos, indicações biográficas* (1909). No artigo *O colono preto como fator da civilização brasileira*, Querino salienta as habilidades e os conhecimentos dos negros para os mais diversos trabalhos agrícolas e ofícios ligados ao setor de mineração, competências adquiridas na terra natal e adaptadas ao clima

igualmente tropical das Américas. Em comparação a esse perfil de trabalhador-construtor, o autor contrapõe a personalidade do colonizador português que não só tinha dificuldades em se acostumar às altas temperaturas do continente recém “descoberto”, como também era avesso às atividades que exigiam a força física, sem as quais não se ergue uma nação. Se o colono preto não conseguia demonstrar as suas competências nas atividades intelectuais com a mesma facilidade isto se devia não a problemas cognitivos inatos, mas às condições de vida “do cativo que não consentia o menor preparo mental, embotava-lhe a inteligência” (1980, p. 151). Assim, o intelectual negro soteropolitano impunha com argumentos sólidos, centrados na visão materialista da História, um pensamento contrário às teses raciais ideológicas em vigor no período que atribuíam a problemas genéticos, fisiológicos e anatômicos o despreparo dos afrodescendentes para as funções mais nobres, rebaixando a raça destes.

A atividade da escrita não se deu apenas no isolamento do gabinete, ambiente rotineiro dos escritores da literatura e dos autores-pesquisadores. Importante mecanismo de denúncia do racismo, de valorização da cultura negra, de reivindicação por direitos para a população afrodescendente, de aglutinação de mentes pensantes compromissadas com as transformações sociais foi o movimento que os historiadores nomeiam de Imprensa Negra, isto é, o conjunto de jornais (cerca de 31), liderados por intelectuais negros, entre os anos de 1899 e 1930 nas principais cidades do país (Domingues, 2007, p. 104) – essa imprensa ressurgiu ainda em dois momentos: na década de 40-50 e na década de 70-80, neste último caso acompanhando a articulação do Movimento Negro Unificado (Domingues, 2007, p. 110-114). A disputa por espaço no ambiente acadêmico também cresceu por meio dos congressos (a exemplo das várias edições do Congresso de Cultura Negra das Américas; do Congresso Afro-Campineiro, em 1938; do I Congresso do Negro Brasileiro, 1950) e eventos diversos dos cursos de Ciências Sociais, cujos debates podem ser acessados ainda hoje graças aos Anais publicados – muitos deles disponibilizados na internet se não integralmente, ao menos em textos esparsos. Esses encontros acadêmicos certamente só foram possíveis graças à ampliação do quadro de docentes negros nas universidades, responsáveis não apenas pela organização dos eventos como também por produzir e divulgar pesquisas sobre a questão racial – vale recordar aqui de Neusa Santos Souza que inovou no campo da psicologia ao estudar sobre os efeitos do racismo na constituição da personalidade. Lélia Gonzalez - mulher negra, intelectual e feminista -, por exemplo, passou a atuar como professora em várias escolas, centros de pesquisa e universidades, produzindo conhecimento, promovendo discussões

importantes e influenciando toda uma geração posterior – Sueli Carneiro, Cidinha da Silva, Djamila Ribeiro e Nilma Lino Gomes são algumas das pensadoras contemporâneas que carregam o seu legado. A segunda metade do século XX também foi marcada pela atuação das mulheres pretas nas Letras. A realidade da população negra e pobre brasileira ganhou corpo e voz por meio da escrita combativa de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), atingindo um público de grandes proporções. O romance mais famoso da autora citada, *Quarto de despejo* (1960), correu o Brasil e o mundo, alcançando marcas invejáveis nas tiragens (30 mil exemplares na primeira edição e 100 mil nas duas posteriores), além de ter sido traduzido para treze idiomas e comercializado em mais de 40 países - segundo informações do site Literafro. Convém lembrar que mesmo após ser reconhecida internacionalmente e ter se tornado uma escritora vendável já em sua obra inaugural, Carolina morreu na pobreza e no ostracismo. Esse triste desfecho ocorreu não por mera inabilidade dela em gerir recursos financeiros, mas pelos contratos oportunistas que assinou - aspecto revelador da forma como o sistema capitalista lucra com a mercantilização das culturas oprimidas, concedendo-lhes em troca algumas migalhas.

Apesar de relevantes, as iniciativas dos intelectuais e artistas negros esbarram ainda hoje em uma questão fundamental: uma vez que eles não detém, nem disputam de igual para igual, os meios de comunicação de massa com a elite (centrada nos valores da branquitude), os discursos antirracistas produzidos nas mais diferentes áreas do conhecimento encontram um limite na sua veiculação, ficando muitas vezes restritos a campos isolados nos quais há um pouco mais de liberdade (o ambiente acadêmico é um exemplo). Além disso, apesar da popularização, assistida nas últimas décadas, dos meios de informação, o que é produzido por eles, na maior parte do tempo, é nefasto para a assunção de uma identidade negra positivada, pois não só reproduz a lógica racista das mais diferentes formas, como a favorece; seja por meio da sub-representação, reforçando “estigmas e estereótipos, principalmente no que se refere a [...] estética [negra], apontando o [...] corpo e o [...] cabelo [dos afrodescendentes] como algo desviante”, seja “pelo [...] embranquecimento, onde a ausência de pessoas negras passa por filtros de colorismo” (Francklin, 2017, p. 63) que privilegiam negros mestiços de pele menos escura, dentre outros aspectos fisionômicos domesticados pela estética branca (tais como cabelos alisados, nariz afinado, etc.). É claro que tivemos e temos artistas e comunicadores ilustres atuando de forma progressista nesses meios desde o século passado (Abdias do Nascimento, Glória Maria, Zezé Motta, Antônio Pitanga, Ruth de Souza, Milton Gonçalves, Chica Xavier, Elisa Lucinda são exemplos memoráveis), mas tal presença se

reduz a um pequeno grupo responsável por ocupar a cota limitada que o sistema concede. Fica evidente que a indústria cultural e as mídias de massa não são capazes de representar a “massa”, o grosso da população, não por falta de recursos simbólicos e materiais (seja em termos de tecnologia, seja em termos de recursos humanos), mas sim porque tais veículos de comunicação giram em torno dos interesses das classes dominantes. Haja vista que o acesso às mídias tradicionais e a democratização da educação no país (para citar dois fenômenos importantes ocorridos neste início de século) não foram suficientes para promover a conscientização e a igualdade racial, posto que o racismo é estrutural, quais seriam as novas estratégias de luta disponíveis? É nesse contexto que as mídias digitais surgem como um importante instrumento de conexão e mobilização.

2. A resistência negra no ambiente virtual

A internet, enquanto meio de processamento e compartilhamento de dados, foi desenvolvida a partir da segunda metade do século XX, no período da Guerra Fria, pelos militares estadunidenses como forma de fazer circular informações de modo descentralizado. Segundo Martino (2014, p. 12), o uso dela pela sociedade civil se deu inicialmente no âmbito universitário, a fim de facilitar o contato entre pesquisadores e, posteriormente, popularizou-se atingindo o público em geral. No Brasil, a rede passa a fazer parte do cotidiano a partir de 1994 (Martino, 2014, p. 13). São muitas as vantagens fornecidas pelas mídias digitais em termos de acessibilidade, produção e arquivamento de informação se comparadas às mídias tradicionais analógicas e, talvez por isso, ela seja considerada um importante instrumento de comunicação nos regimes democráticos. Ao romper as limitações de espaço-tempo, disponibilizar uma quantidade infinita de dados e viabilizar a conectividade entre os sujeitos, permitindo que o usuário da rede seja um receptor-produtor, o ambiente virtual tem o potencial para servir aos interesses da sociedade, uma vez que permite as mais variadas trocas entre o Estado e seus cidadãos (Gomes, 2005). Em razão disso, houve uma série de iniciativas públicas e privadas para a popularização da rede mundial no país - entre elas, Cogo e Machado (2010, p. 10) citam o barateamento e parcelamento de computadores, a expansão da rede de telefonia e a formulação de políticas públicas de inclusão digital -, pois ter acesso à internet é, a cada dia, uma forma essencial de acesso à cidadania.

Em especial, por ser uma ferramenta descentrada (promovendo maior liberdade de circulação) e interativa, a internet tem se tornado um importante meio de produção e disseminação de discursos minoritários. Para Garcêz (2013, p. 305), a rede mundial de computadores oportuniza o debate em torno das lutas por reconhecimento “seja porque possibilita a adesão de simpatizantes e aliados para a causa, ou ainda, porque permite a mobilização via redes digitais”. A militância negra tem aproveitado esse potencial das mais diferentes formas. A cada dia, grupos organizados (instituições de ensino, organizações não governamentais, entre outros) e/ou indivíduos criam novos sites de notícia, blogs, perfis nas redes sociais com o objetivo de servir aos interesses da negritude, transpondo a comunidade negra para a comunidade virtual. São exemplo significativos o site *Literafrô* (o portal da literatura afro-brasileira) desenvolvido pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais; o site *Ipeafro* (Instituto de Pesquisa e Estudos Afro Brasileiros do Rio de Janeiro) centrado na preservação da memória e da produção de Abdias do Nascimento, bem como atuando em diversas áreas da pesquisa, do ensino, da documentação e da cultura, de modo a dar visibilidade à luta dos negros; o portal de notícias *Geledés*, criado pelo Instituto da Mulher Negra (fundado em 1988). As pessoas públicas que se identificam como negras e que se apresentam socialmente comprometidas com o debate sobre as relações étnico-raciais no Brasil também cumprem um papel importante na internet, posto que elas muitas vezes introduzem temas, promovem certas discussões (geralmente com base nos assuntos em alta na sociedade) e servem de ponte para a articulação política, chegando mais perto do público diverso e disperso do que as instituições e coletivos negros – um usuário pode, inicialmente, “seguir” uma celebridade negra, por exemplo, por se identificar ou gostar de aspectos que não estejam relacionados à questão racial e, em algum momento, começar a formar uma opinião crítica sobre certos temas graças a atividade engajada do famoso na rede. Domingues (2007, p. 119) já previa esse fenômeno ao citar o movimento artístico-cultural Hip-Hop como importante articulador da resistência negra no século XXI, uma vez que ele “fala a linguagem da periferia, rompendo com o discurso vanguardista das entidades negras tradicionais”.

A literatura - que requer além de recursos materiais, certo conhecimento necessário para a leitura, bem como a imersão na cultura livresca (responsável pela formação do gosto) -, se comparada às manifestações do Hip-Hop, ainda permanece distante da realidade da maioria dos brasileiros. Nesse sentido, a internet pode ser um lugar interessante de encontros entre autores e leitores, pois a informalidade do ambiente virtual permite quebrar algumas barreiras. O perfil no Instagram da escritora Conceição

Evaristo (administrado por sua assessoria) é uma prova disso, pois hoje conta com mais de 140 mil seguidores. Este pode parecer um número pequeno, mas é preciso ter em mente que além da leitura ser um hábito elitizado, trata-se neste caso de uma autora negra, militante e que tem, portanto, uma obra que reflete sobre esse seu universo de “escrevivência”. A escritora produz literatura desde a década de 1990, quando publicava nas edições dos Cadernos Negros - uma das poucas iniciativas no período voltadas para a promoção da literatura afro-brasileira. Parte da visibilidade atual de Evaristo passa pela divulgação de sua obra não só nos eventos literários nacionais e internacionais, como também nas novas mídias.

As redes sociais digitais, em especial, são muito eficientes em promover a exposição de artistas (e, conseqüentemente, seus trabalhos) por meio de sugestões feitas aos usuários com base em seu uso da internet. São os chamados “laços fracos” que permitem ao utilizador tomar conhecimento de algo inesperadamente. Nas palavras de Martino, que fala baseado em Granovetter,:

Os laços fracos ganham força na medida em que podem se tornar *pontes* entre pessoas socialmente distantes. [...] Laços fracos podem aumentar o círculo de relacionamentos. Justamente por não serem ligações diretas, a chance de se espalharem em várias direções e, portanto, de criarem caminhos para a conexão entre as pessoas, é maior. (MARTINO, 2014, p. 69, grifos do autor)

Ao criar um perfil específico para a elaboração deste estudo, bastou que eu buscasse e “seguisse” a primeira das pessoas cuja atuação é analisada aqui para que as demais surgissem como sugestões. Isso demonstra como essa rede de laços fracos tem potencial para formar uma comunidade em torno de interesses comuns. No caso de Evaristo, a publicidade do seu perfil parte de dois seguimentos essenciais: os seguidores famosos que ela possui e as marcações de seu nome na rede (por meio de *hiperlink*) em publicações de alta visibilidade. Atualmente, o perfil de Conceição no Instagram é seguido por famosos como a atriz global Taís Araújo (10 milhões de seguidores), a rapper Karol Conka (1 milhão e meio), a comunicadora e humorista baiana Maíra Azevedo (806 mil), incluindo youtubers de grande popularidade entre o público jovem negro como Gabi Oliveira (415 mil) e Nátaly Neri (683 mil). Além dos números significativos dos seguidores famosos da escritora, a diversidade de funções que tais celebridades exercem

na sociedade ajuda a ampliar o leque de caminhos possíveis para se chegar ao perfil dela. Em relação às publicações de terceiros no Instagram com referência à autora, é possível citar a homenagem em forma de tirinha feita pelo ilustrador Leandro Assis e publicada no perfil deste último em 15 de setembro de 2020. A postagem em questão - que traz Messias Martins (fundador do canal *Literanegra* no Youtube) como personagem - indica a leitura da obra *Olhos D'Água* aos seguidores (cerca de 756 mil) e foi curtida até o momento por mais de 38 mil pessoas. Entre os comentários inseridos nessa postagem está o de @babalungs, no qual se lê: “Comprei esse livro no Kindle por recomendação de vocês, amei! Chorei muito” (ASSIS, 2020, Instagram). A publicação de Assis contém a *hashtag* “#conceicaoovaristo” e a indicação do perfil da autora no Instagram. O público de Conceição também pode acompanhá-la pelo Youtube, site onde é possível encontrar vasto número de entrevistas concedidas por ela às mídias tradicionais. Também pelo Youtube é possível ao usuário descobrir a literatura de Evaristo por indicação de *youtubers* populares. O canal *De Pretas* (de Gabi Oliveira) e o *Literanegra* (de Messias Martins) são alguns dos que já produziram conteúdo audiovisual sobre as obras da escritora, recomendando-a ao público.

Além dos leitores com alguma visibilidade, há os anônimos que adquirem a obra de Evaristo e criam resenhas e as disponibilizam em seus perfis pessoais (marcando-a nas publicações no caso do Instagram) de modo a divulgar a artista entre os amigos, ou ainda os que apesar de terem menos de 100 inscritos no Youtube, criam vídeos comentando a experiência produzida pela leitura dos textos de Conceição. Esse movimento, a meu ver, embora não seja o que renda mais exposição à escritora, é dos mais empoderadores, pois é o momento em que o leitor comum não-especializado tem a oportunidade de reelaborar a seu modo o contato com a literatura. No perfil da escritora no Instagram é possível ver algumas das publicações feitas por leitores anônimos que a assessoria de Evaristo permitiu que entrassem na aba “fotos com você”. A postagem de @milahilario feita em 28 de Maio de 2020, por exemplo, mostra a imagem da capa do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* acompanhada de trechos da obra e do relato de leitura que, segundo ela, “machuca um pouco, apesar de ser uma experiência transformadora” (Hilário, 2020, Instagram). As atividades de Conceição Evaristo no Instagram são reduzidas à divulgação de sua presença em lançamentos, *lives* em canais terceiros (inclusive em outras redes, como o Facebook), debates, entrevistas, além da promoção do trabalho de outros empreendedores negros. Fora isso, há as *lives* feitas e salvas pela própria escritora no seu perfil, centradas no debate sobre literatura – algumas delas já chegaram a atingir mais de

10 mil visualizações. A atuação e interação limitada da escritora no Instagram (em termos de número de postagens na rede) pode sinalizar que os maiores promotores da obra de Conceição nas mídias digitais atualmente são os seus leitores-seguidores-produtores de conteúdo.

Entre os seguidores de Evaristo está Djamila Ribeiro, filósofa que frequentemente tece comentários elogiosos à trajetória inspiradora da escritora mineira em vários meios de comunicação, inclusive em suas postagens no Instagram. A profissão de Ribeiro pode sugerir aos desinformados que a visibilidade dela é menor à de Conceição. Ora, uma vez constatadas as dificuldades de acesso à literatura pelo grande público brasileiro, o que dizer sobre a leitura de trabalhos pertencentes às demais áreas do conhecimento humano? Contrariando a norma que relega os textos acadêmicos aos leitores especializados, Djamila Ribeiro tem conquistado um público mais diverso. Os seus três livros (*O que é lugar de fala?*, *Quem tem medo do feminismo negro?*, *Pequeno manual antirracista*) são sucessos de venda, chegando inclusive à posição de mais vendidos no Brasil na categoria de não-ficção – alguns já foram traduzidos para outras línguas (Francês, Italiano e Espanhol). O que faz a obra da filósofa chegar a tantas pessoas diferentes é, além da pertinência dos temas abordados e da linguagem clara (sem os preciosismos que nada acrescentam e dificultam a leitura), a militância dela nos mais variados espaços: de debatedora do “Amor & Sexo” (programa exibido pela maior emissora de TV aberta do país, a rede globo) à coordenadora de um projeto de edição de obras das ciências humanas a preços módicos, o Feminismos Plurais, Ribeiro representa bem independentemente da função exercida, levando o seu nome para mais longe. Programas de TV, sites, jornais, celebridades que criam conteúdo para a internet recorrem à filósofa constantemente quando se trata de falar sobre questões raciais, seja em termos de desenvolvimento teórico, seja para comentar algum evento “do dia” no qual o racismo foi desvelado.

No Instagram, Djamila conta com mais de 1 milhão de seguidores, incluindo atores globais que, por sua vez, têm mais 20 milhões de seguidores. A filósofa usa o seu perfil para divulgar os trabalhos publicados (livros e artigos veiculados em jornais e revistas), os eventos (acadêmicos, atos políticos, *lives*) que participa, os prêmios recebidos, os projetos desenvolvidos no âmbito da academia. Há também espaço para amenidades - como imagens de férias, momentos do cotidiano, encontros casuais com amigos ilustres, propagandas pagas (este último aspecto mercadológico revela o modo como as grandes empresas já reconhecem a visibilidade da escritora na sociedade e seu poder de influenciadora) -, mas, em sua maioria, as postagens trazem discussões sérias e

relevantes sobre as relações étnico-raciais, além de promover a produção e os projetos de pessoas negras menos populares por meio da recente campanha “#JuntosPelaTransformação”. Djamila também faz questão de publicar imagens de textos impressos e trechos de notícias em audiovisual sobre ela na mídia nacional e internacional, bem como dar visibilidade aos seus leitores, sejam eles famosos ou anônimos. Essa é a forma encontrada pela escritora para se manter próxima do público ao mesmo tempo em que divulga o seu trabalho diariamente e de forma indireta. Em uma publicação de 10 de setembro, por exemplo, a filósofa agradece os elogios de um leitor mirim sem popularidade que fez uma resenha indicando o livro *Pequeno manual antirracista* e marcou-a na postagem. “Esse reconhecimento não tem preço. Obrigada pelo carinho, Adriel”, ela completa (Ribeiro, 2020, Instagram). Djamila talvez seja a pessoa pública que mais interage com seus seguidores dentre os nomes analisados aqui. A filósofa também não deixa sem resposta os que vão ao seu perfil fazer críticas. Em uma postagem sobre a disponibilização ilegal de seu livro em pdf na internet, Djamila diz para um comentador (que critica o posicionamento dela favorável ao excludente *copyright*) ir cobrar acessibilidade aos “donos de meio de produção”, pois são estes que lucram com as edições e não o autor-pesquisador. Este é um dos problemas trazidos pela visibilidade midiática: fica-se suscetível a ter as condutas vigiadas constantemente, a ser julgado pelos críticos em “praça pública” (seja por parte dos próprios companheiros de militância, seja pelos desafetos) e sofrer perseguições dos *haters* (os disseminadores de discurso de ódio *online*).

Outra ação de Djamila que lhe rendeu popularidade nas redes foi a ocupação inédita da conta no Instagram do humorista branco Paulo Gustavo, atualmente seguido por mais de 13 milhões de pessoas. Essa foi uma medida encontrada pelo ator para dar voz à filósofa no seu meio social, permitindo que seus seguidores tomassem conhecimento de reflexões sobre racismo, desigualdades sociais e cultura negra. Após a repercussão positiva, nos mais diferentes meios de comunicação, dessa cedência do perfil pessoal com o objetivo de popularizar o debate sobre identidade racial no país, outras iniciativas semelhantes emergiram inspiradas na ação – esse dado aparece inclusive nos comentários de um dos vídeos publicados pela filósofa no Instagram do artista. Nesse sentido, a atitude do ator foi vista como uma conduta produtiva assumida por pessoas brancas frente à necessária contribuição de todos na luta pela igualdade racial. Convém lembrar que a ocupação surge em face da grande discussão sobre as reivindicações dos negros e os desdobramentos dos protestos iniciados nos Estados Unidos após o

assassinato de George Floyd por policiais, cujo lema foi “Vidas negras importam” (*Black Lives Matter*). Depois dessa ocupação, o perfil de Djamila cresceu mais rapidamente em termos de seguidores – em 7 de abril deste ano, ela comemorava 500 mil, tendo iniciado na rede social em 20 de dezembro de 2013, ou seja, foram necessários menos de 5 meses para que ela dobrasse de número de seguidores. O anúncio feito por Djamila no canal de Paulo Gustavo sobre a ocupação rendeu 660 mil visualizações, um número alto para os vídeos com participação da filósofa, mas baixo para aqueles publicados pelo humorista (demonstrando pouca adesão à proposta pelo público do ator). O certo é que os meses da quarentena provocada pelo novo coronavírus (que provavelmente foram mais propícios aos hábitos solitários, como o da leitura), aliado ao debate generalizado em torno das questões raciais nas mídias tradicionais e digitais (em decorrência das notícias sobre acontecimentos nacionais e internacionais de violência contra a população afrodescendente) foram bons também para autores negros, conforme demonstra uma postagem de Ribeiro sobre o crescimento na venda de seus livros e das obras de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Sueli Carneiro no mês de junho deste ano. Na referida postagem publicada em 2 de julho, Djamila afirma: “‘Nossos passos vêm de longe’, sou porque elas são e só ando muito bem acompanhada” (Ribeiro, 2020, Instagram).

O último perfil a ser analisado neste estudo é o de Lázaro Ramos, cujo número atual de seguidores ultrapassa 4 milhões. A visibilidade de Lázaro vem, certamente, dos papéis de sucesso representados por ele nas novelas da rede globo, pois a mídia de massa ainda é a de maior força no Brasil, estando presente no cotidiano dos brasileiros desde fins do século XX graças ao barateamento dos aparelhos televisivos e à abrangência do sinal (inicialmente, analógico, hoje digital). Lázaro e Taís Araújo, esposa do ator-escritor, são protagonistas, inclusive, de uma série de sucesso no canal citado, chamada “Mister Brau”. No seu perfil, o artista faz postagens divertidas, fala sobre o seu cotidiano, além de divulgar os seus trabalhos (na tv, no cinema, no teatro, na literatura, na imprensa em geral) e abordar temas que ele considera importantes para a comunidade. Aqui, gostaria de destacar a divulgação no Instagram de sua função enquanto escritor, em especial, em relação ao seu mais novo livro *Na minha pele* que já tem tradução para o espanhol. Recentemente, Lázaro gravou um vídeo e o publicou na rede para agradecer aos leitores colombianos que participaram de um laboratório de narrativas negras e se retrataram com o livro *En mi Piel*, divulgando-o na internet - fenômeno também observado entre os leitores brasileiros. Segundo Glauciane Santos, em resenha sobre a obra citada:

Tornou-se um hábito de inúmeros leitores do livro *Na Minha Pele* tirarem fotografias para as redes sociais retratando-se na seguinte posição: colocam sobre metade de seus rostos parte da obra literária, e fotografam-se em simbiose com esta. A leitura que fazemos é provocada pela intencionalidade da proposta, que tende, antes mesmo do abrir as páginas do livro, a fazer o leitor ter empatia e colocar-se no lugar do outro, para que de alguma maneira possa desvestir-se de ideias preconcebidas ao iniciar a leitura. (Santos, 2017, Página da Internet)

O diálogo entre o título da obra e a capa (que traz o retrato frontal e parcial do escritor, aspecto que permite o jogo do leitor de complementar a face retratada com o próprio rosto) desafia o público a experimentar uma pele específica: a pele de um homem negro bem-sucedido. Colocar-se no lugar de Lázaro pode produzir experiências de leitura que provocam, dentre outras reações, sentimentos de representatividade (no caso do leitor afrodescendente) e aprendizado com a diferença (no caso de leitores brancos). A primeira alternativa citada pode ser exemplificada com a publicação no Instagram de Indhira Serrano, na qual se vê a foto da atriz negra complementando a sua face com a de Lázaro Ramos por meio da capa do livro *En mi Piel* acompanhada do seguinte relato:

Crecí con pocos referentes que se parecieran a mi, no porque no existieran, sino porque los medios no los visibilizaban, ahora todo está cambiando, ahora también tenemos la oportunidad desde nuestros espacios, de poner a las nuevas generaciones en contacto con miles de referentes que saben lo que es vivir en su piel y que sirven de guía e inspiración para saberse posibles y valiosos. (Serrano, 2020, Instagram)

O testemunho feito pela latinoamericana assinala a importância das novas mídias para que as diferentes manifestações da identidade negra espalhadas pelo globo se conectem, se reconheçam, se fortaleçam mutuamente. Já o relato da leitora @milaburns, jornalista branca, parte de um outro lugar:

Tinha lido a obra [pela] primeira vez logo após o lançamento, quando Lázaro Ramos e Taís Araújo @taisdeverdade me deram uma entrevista aqui em Nova York, por ocasião da lista dos 100 negros mais influente do mundo, que eles passaram a integrar naquele já distante 2017. Os

dois, munidos de uma curiosidade incansável, pareciam aprender e ensinar a cada frase. Conto tudo isso porque, na época, “Na minha pele” me pareceu um belo livro de memórias. E pronto. Na minha segunda leitura, no entanto, ele entrou para um grupo seleto de obras que podem mudar o mundo. Eu sei, parece exagero. Mas a escrita bem-humorada e íntegra de Ramos faz com que o leitor abra o peito, ria junto, se sinta parte da história. E é aí que mora o perigo (ou o poder). [...] Ao se desvendar, Ramos desvenda o Brasil. Em tempos de recolhimento forçado, talvez seja doloroso demais mergulhar no nosso íntimo. Mas será que haverá ocasião mais propícia a isso do que um momento em que todo o sistema parece ruir?... (Burns, 2020, Instagram)

A jornalista também fez uma selfie com o livro de Lázaro, mas optou por não tentar amalgamar o seu rosto com o dele, talvez pela consciência de que (enquanto mulher branca) por mais que haja empatia em relação à vivência do Outro (homem negro), esta nunca pode ser vestida artificialmente. O relato da experiência de leitura de Burns chama a atenção porque recoloca a importância do livro para além da esfera do indivíduo e, inclusive, de uma coletividade racial, ao apontar para uma compreensão do próprio país. Convém ressaltar que Lázaro Ramos fez publicações em outros perfis do Instagram visando divulgar sua obra no Brasil e fora dele. É esse o caso dos vídeos em espanhol postados na conta de @manosvisibles, nos quais ele convida os seguidores a lerem o seu livro e a compartilharem impressões usando *hashtag* como “#enmipiel”, “#elpoderdelaidentidad” e etiquetas como “@manosvisibles” e “@olazaroramos”. Nas postagens, vários seguidores fazem comentários elogiosos ao trabalho do artista.

A análise comparativa da atuação das três figuras públicas aqui estudadas, cujas atividades se dão em diferentes áreas da cultura e do pensamento crítico brasileiro parece comprovar que as novas mídias permitem estabelecer redes de apoio e colaboração entre produtores negros. No Instagram, Djamila Ribeiro promove, entre os seus seguidores, a escritora Conceição Evaristo. Esta última amplia os seus contatos ao dividir *lives* com uma celebridade do porte de Lázaro Ramos (a exemplo do evento literário da PUCRS, em 28 de julho, divulgado tanto no perfil da autora mineira quanto do ator baiano). Os usuários das redes sociais que passam a seguir Ramos atraídos pelos personagens encarnados por ele na televisão têm a oportunidade de descobrir os demais ofícios do famoso por meio das postagens no perfil oficial. Inclusive, esse mesmo público diverso do ator-escritor, ao segui-lo, pode fazer o caminho inverso proposto neste parágrafo e

descobrir a ficção de Evaristo e o pensamento de Ribeiro, para além de outras figuras públicas negras que estão conectadas a esses nomes. As direções capazes de conduzir o usuário a encontrar uma voz representativa² são incontáveis nas redes sociais. Há, contudo, ainda muito por fazer e novos desafios a enfrentar em termos de mobilização negra na internet.

3. Considerações Finais: resistência à resistência

Falar sobre as possibilidades de luta fornecidas pelas ferramentas *online* implica também revisar os problemas que essa nova ocupação coloca. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que a revolução tecnológica ainda não chegou a certas parcelas da população. Dados do IBGE mostraram que, em 2018, 20,9% dos domicílios do país (sobretudo, os da zona rural) não tinham acesso à internet. Por sua vez, a televisão se mostrou presente em 96,4% dos lares, comprovando a vitória dos meios de massa, em relação às mídias digitais, no cotidiano das pessoas. Entre os motivos que inviabilizam o acesso às redes, o IBGE destacou como mais comuns a falta de interesse na ferramenta (34,7%), o preço elevado do serviço (25,4%) e o desconhecimento sobre como usar os novos recursos (24,3%). Gostaria de chamar a atenção para o último aspecto que toca a (pouca) eficácia da democratização do ensino no país. O Brasil, apesar de ter universalizado o direito à educação básica desde a constituição de 1988, ainda tem dificuldades em formar os seus cidadãos para o mundo contemporâneo – embora a taxa de analfabetismo seja de cerca de 6% (segundo o censo de 2018), o número de analfabetos funcionais em 2019 já era de 38 milhões³ (Costa, 2019). Ora, se o Estado não consegue sequer promover de forma eficiente uma cultura do livro, o que esperar em relação às novas tecnologias? A propósito dessa questão, convém lembrar também que o desenvolvimento da produção escrita de autoria negra está condicionado, de um lado, à

² Ao seguir Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro e Lázaro Ramos, foram apresentadas, entre outras possibilidades, as seguintes sugestões de páginas ao meu perfil no Instagram: @portalgeledes, @pretaeacademica, @luedjiluna, @sitemundonegro, @institutoluizgama, @keniamariak.

³ A situação pode ser ainda pior, pois, “De acordo com os resultados preliminares do Inaf Brasil 2018, 3 de 10 brasileiros entre 15 e 64 anos podem ser considerados analfabetos funcionais – um número muito maior do que o apontado pelo IBGE. [...] somente 12% dos brasileiros nessa faixa etária se encontram classificados como proficientes, ou seja, conseguem elaborar textos um pouco mais complexos (como mensagens, descrições, exposições e argumentações) e opinar acerca do estilo ou do posicionamento do autor.” (MEC, 2019, p. 13)

existência de leitores capazes (com habilidades de interpretação e compreensão de texto) de recepcionar as obras e, de outro, de grupos editoriais interessados em publicar autores e pesquisadores afrodescendentes. Isso implica dizer, entre outras coisas, que não é aumentando a taxação dos livros⁴, para citar uma das medidas reivindicadas pelo atual governo, que se conseguirá torná-lo acessível.

Outro ponto a ser destacado como um empecilho à divulgação da produção cultural negra nas redes diz respeito aos limites da representatividade alcançados neste meio. Lázaro Ramos foi aquele que mais se destacou, entre as pessoas públicas analisadas, em termos de seguidores (4 milhões). O número, entretanto, é muito baixo se comparamos aos números da população brasileira em 2020 que, até o momento, está em mais de 212 milhões de habitantes. Permanece difícil mensurar o quão profícuo pode ser a atuação das minorias nas redes, frente aos riscos que estas colocam a seus usuários⁵ (em especial, aos ativistas). O certo é que as atividades virtuais dos intelectuais e artistas negros citados aqui demonstram que as mídias digitais não vem substituir as mídias de massa. Portanto, ainda é preciso lutar por espaço nos meios tradicionais para que se tenha maior visibilidade da produção cultural negra no país. Em certo sentido, o fato de pessoas negras engajadas ganharem destaque na internet já força os meios de comunicação convencionais a expandir os seus limites para não ficar para trás na disputa de público. Penso que esta pode ser uma das razões para a crescente aparição de temas como racismo, desigualdades sociais, cultura e identidades negras nos programas da tv aberta. Um exemplo da relação de troca entre as mídias é a migração de celebridades virtuais para os meios de massa, como é o caso da comunicadora Maíra Azevedo (conhecida por Tia Má) que se popularizou graças a um canal no Youtube e hoje possui um quadro no programa Encontro com Fátima Bernardes na rede Globo.

⁴ É sintomático que o Governo esteja defendendo uma proposta para o retorno da taxação de livros em 12% logo agora que a produção literária negra vem despontando na lista de mais vendidos. Certamente, temos aí um Projeto de Estado voltado para o silenciamento dessas vozes insurgentes, pois, conforme bem apontou uma reportagem divulgada no portal *online* de notícias Alma Preta, serão os leitores e autores afrodescendentes, bem como as editoras voltadas para a publicação de obras de autoria negra e livrarias especializadas no tema os maiores afetados pela medida caso seja aprovada.

⁵ Vários pesquisadores, a exemplo de Gomes (2005) e Moretzsohn (2012), alertam para os diferentes problemas colocados pela internet, a saber: a dificuldade em controlar a disseminação de notícias falsas; a visibilidade alcançada por discursos negacionistas, ultra-conservadores e de opinião duvidosa que se acham no direito de disputar espaço com evidências científicas, comprometendo as bases da democracia; a emergência dos crimes virtuais dos mais diversos (reproduzindo na rede os problemas que encontramos na sociedade, tais como o racismo, a xenofobia, o terrorismo, o roubo de dados pessoais); o controle e a vigilância exercidos pelas grandes empresas e, inclusive, pelo Estado (por meio do monitoramento das ações *online* dos sujeitos); o consumismo estimulado pelas redes.

Apesar de todos os “poréns” que a internet coloca à atividade dos militantes negros, ela parece ser uma ferramenta interessante sobretudo para os escritores, pois permite a estes divulgar a sua obra (conforme demonstrei ao analisar a atuação de Conceição, Djamila e Lázaro), aproximar-se dos leitores (a exemplo do contato promovido por Djamila entre os seus seguidores), estabelecer trocas interessantes com os seus pares (como as *lives* feitas em dupla por Conceição e Lázaro). Seria a internet o novo arquivo do escritor, onde ele armazena as correspondências (mensagens no *direct*), os registros dos eventos que participa (as publicações), os diários de processo (relatos do cotidiano inseridos nas postagens)? Parece-me que esta é uma questão pertinente que as novas mídias colocam à história da literatura neste início de século XXI.

Referências

- Cogo, D. & Machado, S. (2010). Redes de negritude: usos das tecnologias e cidadania comunicativa de afro-brasileiros. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXIII, Caxias do Sul. Anais... Caxias do Sul: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, pp. 1-16.
- Costa, G. Analfabetismo resiste no Brasil e no mundo do século XXI. Agência Brasil, Brasília, 8 set. 2019. Retirado de: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-09/analfabetismo-resiste-no-brasil-e-no-mundo-do-seculo-21>>. Acesso em: 11 set. 2020.
- Domingues, P. (2007). “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”. *Tempo*, vol. 12, n. 23, pp.100-122, ISSN 1980-542X.
- Ferreira, T. M. T. B. C. (2000). “Livros e sociedade: a formação de leitores no século XIX”. *Revista Teias*, v.1, nº 1, pp. 1-10, ISSN 1982-0305.
- Figueiredo, E. (2011). Resiliência como resistência na escrita de Ana Maria Gonçalves. In A. Bolaños & L. R. Benavente (Eds.), *Vozes negras das Américas: diálogos contemporâneos* (pp. 275-288). Rio Grande: Editora da FURG.
- Francklin, E. O. (2017). “Aceitação Afro”: as mídias sociais digitais na revalorização e afirmação da identidade negra. 145 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

- Garcêz, R. L. (2013). “A representação política dos oprimidos nas redes sociais online: quem fala em nome de quem e com qual legitimidade?” *Contemporânea - comunicação e cultura*, v. 11, n. 2, pp. 304-321, ISSN 1809-9386.
- Gledhill, H. S. & Leal, M. G. A. Manuel Querino. Retirado de: <<http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/verbete/manuel-querino-manoel-raymundo-querino/>>. Acesso em: 9 set. 2020.
- Gomes, W. (2005). “Internet e participação política em sociedades democráticas”. *Revista Famecos*, Porto Alegre, nº 27, pp. 58-78, ISSN 1980-3729.
- Heller, B. (2001). Vossas filhas sabem ler? In: Congresso Brasileiro da Comunicação, XXIV, Campo Grande. Anais... Campo Grande: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, pp. 1-17.
- IBGE. População do Brasil. Retirado de: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_popclock.php>. Acesso em: 09 set. 2020
- IBGE Educa. Uso de internet, televisão e celular no Brasil. Retirado de: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>>. Acesso em: 09 set. 2020.
- Literafro. Carolina Maria de Jesus: dados biográficos. Retirado de: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>>. Acesso em: 09 set. 2020.
- Martino, L. M. S. (2014). *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambiente, redes*. Petrópolis: Vozes.
- MEC. (2019). *PNA: Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC, SEALF.
- Moretzsohn, S. D. (2012). “O mundo “divertido”: o fetiche da internet e a mobilização política nas redes sociais”. *REDESG – Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global*, Santa Catarina, v.1, nº 2, pp. 310-317, ISSN 2316-3054.
- Pereira, E. A. Panorama da Literatura Afro-Brasileira. Retirado de: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/147-edimilson-de-almeida-pereira-panorama-da-literatura-afro-brasileira>>. Acesso em: 9 set. 2020.
- Querino, M. (1980). “O colono preto como fator da civilização brasileira”. *Afro-Ásia*, n. 13, pp. 143-158, ISSN 1981-1411.
- Ribeiro, F. Novo imposto deve prejudicar livrarias especializadas em literatura negra. *Alma Preta*, [s.l.], 25 ago. 2020. Retirado de: <

<https://almapreta.com/editorias/realidade/novo-imposto-deve-prejudicar-livrarias-especializadas-em-literatura-negra>>. Acesso em: 09 set. 2020.

Rosso, S. (2010). Condições estruturais de emergência do associativismo e sindicalismo do setor de educação: leitura a partir de dados censitários brasileiros. In: Seminário Internacional da Rede de Pesquisadores sobre Associativismo e Sindicalismo dos Trabalhadores em Educação, I, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Associações e Sindicatos de Trabalhadores em Educação, pp. 1-19.

Santos, G. Reflexões de um jovem escritor sobre as relações raciais no Brasil. Retirado de: < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ensaio/393-reflexoes-de-um-jovem-escritor-sobre-as-relacoes-raciais-no-brasil>>. Acesso em: 09 set. 2020.

Silva, R. J. (2009). “Leitura, biblioteca e política de formação de leitores no Brasil”. *BJIS – Brazilian Journal of Information Science*, v.3, n.2, pp.75-92, ISSN 1981-1640.

Plataformas Virtuais

Instagram.

Assis, L. Perfil. Retirado de: <https://instagram.com/leandro_assis_ilustra?igshid=1gtbw3zxt5rr>. Acesso em: 09 set. 2020.

Burns, M. Perfil. Retirado de: <<https://instagram.com/milaburns?igshid=mqbj76js8wkk>>. Acesso em: 09 set. 2020.

Evaristo, C. Perfil. Retirado de: <<https://instagram.com/conceicaovaristooficial?igshid=gpu12i3naqbo>>. Acesso em: 09 set. 2020.

Gustavo, P. Perfil. Retirado de: <<https://instagram.com/paulogustavo31?igshid=1wrat35i730b>>. Acesso em: 09 set. 2020.

Hilário, C. Perfil. Retirado de: <<https://instagram.com/milahilario?igshid=kaktze3mihxg>>. Acesso em: 09 set. 2020.

Manos Visibles. Perfil. Retirado de: <<https://instagram.com/manosvisibles?igshid=88k9zx7grqjo>> Acesso em: 09 set. 2020

Ramos, L. Perfil. Retirado de: <<https://instagram.com/olazaroramos?igshid=11f8fgn9y13cc>>. Acesso em: 09 set. 2020.

Ribeiro, D. Perfil. Retirado de: <<https://instagram.com/djamaribeiro1?igshid=1nez9un3lllz5>> Acesso em: 09 set. 2020

Serrano, I. Retirado de: <<https://instagram.com/indhiraserrano?igshid=bhgn9u1cvtuw>>. Acesso em: 09 set. 2020.

Youtube.

De Pretas. Retirado de: <<https://www.youtube.com/c/GabiDePretas/>>. Acesso em: 09 set. 2020.

Literanegra. Retirado de: <<https://www.youtube.com/c/LiteranegraOrolêdopovonegro naliteratura/>>. Acesso em: 09 set. 2020.

Tia Má. Retirado de: <<https://www.youtube.com/c/TiaMáOficial/>>. Acesso em: 09 set. 2020.

Sites Consultados

Geledés. Retirado de: <<https://www.geledes.org.br/>> Acesso em: 09 set. 2020.

Ipeafro. Retirado de: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/>> Acesso em: 09 set. 2020.

Literafro. Retirado de: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/>> Acesso em: 09 set. 2020.